



A atuação do Clube da Madrugada na imprensa manauara

Palavras-Chave: Modernismo, Imprensa manauara, Clube da Madrugada

Autores:

VICTÓRIA DO MONTE RODRIGUES [IEL UNICAMP]

Prof. Dr. JEFFERSON CANO (orientador) [IEL UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Em novembro de 1954, transcorridas algumas décadas da Semana de 22, um grupo de jovens intelectuais fundou o chamado Clube da Madrugada, um clube em que poderiam discutir assuntos políticos, econômicos, culturais e, principalmente, literários. Esses jovens tinham viajado grande parte do Brasil e fervilhavam de ideias advindas do universo cultural do eixo Rio-São Paulo e do sul do país. Em Manaus, lançaram-se no mundo das letras e, aos poucos, foram ganhando prestígio na sociedade manauara e espaço na mídia da época.

Em 1961, após diversas participações com poemas e textos publicados em O Jornal, o Clube passou a manter um suplemento literário no caderno de Variedades – que circulava aos domingos. A partir de então, a fama do Clube aumentou e suas atividades ampliaram para a seara do cinema, rádio, intercâmbio cultural no Brasil e no exterior, divulgação de bolsas e promoção de atividades literárias e culturais que envolviam a sociedade amazonense. O conhecido Caderno da Madrugada foi publicado até 1972 (CARVALHO, 2015), contudo, eles também realizavam publicações em outro jornal de importante circulação na época: o Jornal do Commercio.

Embora já existam estudos sobre a questão visual e conteudista do Caderno da Madrugada (CARVALHO, 2015), pouco se sabe ainda sobre as publicações vinculadas no Jornal do Commercio. Assim, esta pesquisa teve como objetivo a análise e comparação da produção do Clube nesses dois veículos de informação, de modo a ampliar o conhecimento e a difusão da literatura amazonense e do modernismo no Norte.

Importante salientar também que pesquisadores do Modernismo Brasileiro, como Lúcia Helena (1989) e Gilberto Telles (1973), não citam a existência de grupos modernistas na região norte do Brasil, o que poderia indicar uma falta de exemplos que impactaram de algum modo essa região, seguindo os passos dos modernistas de 22 e da geração de 45. Todavia, isso não corresponde à realidade amazonense, que gerou frutos por meio do movimento Madrugada, frutos esses que o presente trabalho buscou documentar.

METODOLOGIA:

O projeto foi baseado numa pesquisa documental e bibliográfica. Realizou-se uma análise qualitativa das 685 ocorrências do termo “clube da madrugada” no Jornal do Commercio de Manaus (sendo 509 entre 1955 e 1979 e 176 datadas entre 1980 e 2004), disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como alguns exemplares dominicais não sinalizados. Esses exemplares

dominiciais extras são de ocorrências não contabilizadas da época em que o Clube tinha coluna/página semanal ou foram edições vistas para tentar entender o que aconteceu após a pausa abrupta da sua página no jornal e quais teriam sido as explicações.

Além disso, foi feita a revisão da bibliografia voltada para a participação do Clube da Madrugada no O Jornal e, por conta da pandemia, vistos apenas as edições dominicais do periódico dos anos 1961 até 1965, disponíveis no acervo da Biblioteca Pública do Amazonas, em Manaus. Por fim, houve a comparação da identidade do Clube apresentada nos dois periódicos.



Figura 1. Edições de O Jornal, Biblioteca Pública do Amazonas. Fonte: Arquivo pessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A pesquisa no periódico *Jornal do Commercio* mostrou-se bastante ampla em comparação ao *O Jornal*, porque foram vistas ocorrências além da página Literatura e Artes que eles mantinham. Sobre este suplemento, ele não teve uma duração tão longa quanto o *Caderno Madrugada*.

Na Hemeroteca Digital, a primeira ocorrência do termo “clube da madrugada” no *Jornal do Commercio* é do dia 10 de agosto de 1955, em que há um anúncio sobre o início do II Festival de Arte e Cultura – promovido pela União dos Estudantes Secundários do Amazonas e Ministério da Educação e Cultura. Em recortes posteriores sobre eventos na cidade, o Clube da Madrugada é designado como “conhecido” e até mesmo pelos nomes de “agremiação” e uma das “entidades culturais” da região (*JORNAL DO COMMERCIO*, 10/08/1955; 23/11/57; 04/05/63). Logo, podemos inferir que, em menos de 1 ano da atuação do Clube, ele já havia se solidificado perante a sociedade a ponto de ser reconhecido pelos meios midiáticos. Contudo, não há como se certificar a partir de que momento esse destaque começou e como começou. As ocorrências seguintes são sobre convites ao Clube e publicação de textos de clubistas com a devida referência de pertencerem ao Clube da Madrugada.

No ano de 1963, sob gestão de Aluisio Sampaio, o *Jornal do Commercio* lançava a “Coluna de Responsabilidade do Clube da Madrugada – Organizada por Aluisio Sampaio e Sebastião Borges”, no dia 10 de março. A coluna aparecia na primeira página do Suplemento Dominical do jornal, referida como “folha dos Diários Associados” e eles publicavam textos autorais, micro notícias relacionadas ao mundo da arte e literatura, seja de fatos tanto no Brasil quanto no mundo, e, embora a finalidade da Coluna tenha sido mostrar a produção do Clube da Madrugada, a seção de poemas também recebeu nomes de brasileiros consagrados no país, como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Raul Bopp e Carlos Drummond de Andrade (*JORNAL DO COMMERCIO*, 02/06/63; 23/06/63; 25/08/63; 12/05/63). A partir de 27 de outubro de 1963, a coluna tomou conta da página, dividindo espaço apenas com o rodapé de Figueiredo da Cruz, da Sociedade de Geografia de Lisboa e passou a se chamar “Literatura e Artes”. A página manteve um *layout* quase fixo, tendo a última edição no dia 9 de agosto de 1964, sem motivos aparentes do porquê deixou de ser publicada posteriormente (*JORNAL DO COMMERCIO*, 1964). Em seu lugar, mantiveram o *layout* (tinha até a Foto Meridional), mas as colunas passaram a tratar de assuntos variados, como geografia, inflação e algum texto de correspondentes dos Diários Associados. Edições depois, o suplemento dominical passou a ter viés mais politizado, versando sobre temas atuais e buscando instruir a população com séries de publicações, como “Até onde vai a estupidez Comunista” (*JORNAL DO COMMERCIO*, 1 e 2/05/65). A partir de 1º de janeiro de 1966, a primeira página do suplemento passou a diminuir o tom, colocando outros assuntos, como o rodapé intitulado “As grandes páginas da literatura

amazonense”, em que eram publicados textos diversos ou capítulos de livros que faziam referência à Amazônia ou Amazonas.

Em 1966, foi fundada a filial manauara da União Brasileira de Escritores, na qual integraram alguns clubistas, e ela ficou responsável pela penúltima página do suplemento dominical do JC, tendo objetivos semelhantes aos do Clube (JORNAL DO COMMERCIO, 02/10/66). Em abril de 1967, a redação do Jornal do Commercio escreveu que ao longo das semanas iriam publicar o livro “Pequena história do Clube da Madrugada”, de Jorge Tufic, a fim de “fornecer elementos sôbre as atividades de um movimento literário e artístico que entra nos programas de ensino ginásial e vestibulares, em nossos Colégios e Faculdades” (JORNAL DO COMMERCIO, 30/04/67). Os capítulos publicados foram *I – Antecedentes*, *I – Antecedentes: A “caravana”*, *II – Nascimento do Clube*, *III – Perguntas e Respostas*, *IV – Revista Madrugada*, *V – Anos de hibernação*, *VI – O que tem sido o Clube* e *VII – Conclusões* (JORNAL DO COMMERCIO, 30/04/67; 07/05/67; 14/05/67; 21/05/67; 28/05/67; 04/06/67; 11/06/67; 18/06/67). Em setembro do mesmo ano, houve eleição para a Academia Amazonense de Letras e vários clubistas foram sugeridos, ingressando Elson Farias, Sebastião Norões e Jorge Tufic (JORNAL DO COMMERCIO, 12/09/68; 05/11/68; 19/12/68). Ao longo dos anos, vários clubistas foram aderindo à UBE, à Academia, à política e a outras entidades culturais que apoiavam os projetos do Clube da Madrugada, ao mesmo tempo que várias outras pessoas passavam a integrar e a se afastar do Clube. A partir de 1967, começa-se também a serem registradas críticas ao Clube e polêmicas em torno dele, que talvez nem sequer tenha sido o primeiro exemplo de modernismo do estado (JORNAL DO COMMERCIO, 28/06/78), mas nos anos 70 ele parece reviver, publicando vários livros, promovendo eventos e nomeando personalidades para receberem a honraria de “Cavaleiro de Todas as Madrugadas”, grupo em que incluíram Jorge Amado, por exemplo (JORNAL DO COMMERCIO, 22/09/74). Até novembro de 1979, em que temos a última ocorrência, o Clube não voltou a ter uma página própria no Jornal do Commercio, mas é citado que possuíam uma página no suplemento Vida, do jornal A Crítica (JORNAL DO COMMERCIO, 09/06/78).

Eles fizeram várias iniciativas em parceria com a prefeitura, como a criação de uma praça dedicada a Gonçalves Dias (JORNAL DO COMMERCIO, 30/05/65), o Seminário de Revisão Crítica da Cultura no Amazonas (JORNAL DO COMMERCIO, 10/08/67) e ganharam uma Galeria de Arte no hall de um edifício administrativo (JORNAL DO COMMERCIO, 02/04/72); patrocinavam diversos eventos no campo da cultura e das artes, como o Curso Intensivo de Cultura Brasileira (JORNAL DO COMMERCIO, 16/06/65), o Festival de Cinema Amador (JORNAL DO COMMERCIO, 29/05/66), três Feiras de Artes Plásticas (JORNAL DO COMMERCIO, 21/08/66) e cursos gratuitos de desenho e pintura (JORNAL DO COMMERCIO, 28/07/74) e de entalhe e escultura (JORNAL DO COMMERCIO, 13/02/75); e participaram de eventos fora do estado, como o II Salão de Artes Plásticas da Universidade do Pará (JORNAL DO COMMERCIO, 16/10/65). Além disso, em 1964, foi fundado o Clube da Madrugada de Brasília, pelo amazonense Miguel Cruz e Silva (JORNAL DO COMMERCIO, 01/08/79).

No O Jornal, porém, não acompanhamos essa repercussão que o Clube teve na sociedade e todos os eventos aos quais os clubistas eram convidados a participar ou apoiavam, nem mesmo sabemos de todos os que eram do Clube e seus trabalhos além da agremiação. Uma observação importante a se fazer sobre os dois periódicos é que, no Jornal do Commercio, o espaço em que o Clube da Madrugada fazia seu jornalismo literário era na 1ª página do suplemento de variedades, ao passo que esse espaço possuía, no O Jornal, o rodapé do padre Nonato Pinheiro, da Academia Amazonense de Letras (CARVALHO, p.27), enquanto o Clube da Madrugada ficava na 4ª página. É interessante ver que O Jornal colocava a tradicional Academia em uma posição de destaque em relação aos modernistas.

Em O Jornal, o Clube fez sua estreia no dia 23 de abril de 1961. Nesse periódico, a sua página publicava contos, poesias, crônicas, críticas – inclusive dos trabalhos de seus pares (CARVALHO, p.64) – traduções e resenhas autorais sobre autores estrangeiros, como a edição sobre Ezra Pound (O JORNAL, 20/05/62), e apresentava artigos, às vezes polêmicos (CARVALHO, p.36). A página trazia também a logomarca do Clube da Madrugada acima do Bilhete ao leitor, uma espécie de editorial da página, arte que nunca apareceu no Jornal do Commercio, mas que ocupava um lugar de título do Caderno da Madrugada.

Esse suplemento era um espaço mais oficial de criação artística do Clube da Madrugada e de divulgação do que se passava no cenário artístico-literário brasileiro e do mundo, principalmente nas colunas de cinema e Poesia e seus mestres, que também tinha caráter educativo. Diferente do que acontecia no Jornal do Commercio, o Caderno Madrugada abria também espaço para apresentar ao leitor gente nova – leitores do suplemento que enviavam seus textos para os clubistas avaliarem e, possivelmente, publicarem no suplemento – e pessoas já consagradas no próprio meio manauara, como Mário Ypiranga (O JORNAL, 23/07/61). Tanto no Jornal do Commercio, quando em O Jornal (CARVALHO, p.51-54), a figura feminina raramente aparece.

Nesse espaço que foram publicados os estatutos do Clube (O JORNAL, 07/01/62), a poesia de muro (O JORNAL, 04/09/66), que tinha como objetivo “desalienar/ conscientizar os leitores” e se aproximava da experiência concretista (CARVALHO, p.49), e informações sobre o programa radiofônico do Clube, “Literatura no Ar”, que apresentaria a declamação de textos (O JORNAL, 20/01/63). Em O Jornal, vemos também uma outra dimensão de intercâmbio que o Jornal do Commercio apresenta, porque há a coluna de Correspondências, em que os clubistas afirmam ter enviado livros e recebido obras de outros grupos brasileiros. Já no outro periódico, o intercâmbio cultural é evidenciado pelas notícias de viagens que os clubistas realizaram e pelas notas avisando que convidados do Clube da Madrugada desembarcaram em Manaus. Ambos os jornais já citaram a tentativa de construir uma sede (JORNAL DO COMMERCIO, 06/04/75), mas ela só se tornou oficial em 29 de janeiro de 1984 e apenas em 7 de maio de 1999 que o Jornal do Commercio trouxe os dizeres de que o Clube da Madrugada “acaba de fixar sede própria na Praça da Polícia”. Outros acontecimentos também demoraram bastante para serem concretizados, como concursos e lançamentos de livros e os clubistas faziam questão de ressaltar nos dois periódicos a expectativa.

CONCLUSÕES:

Comparando o que foi lido sobre o Clube da Madrugada e seus integrantes, podemos afirmar que os dois periódicos se complementam na tarefa de apresentá-los. Enquanto o Jornal do Commercio nos dá uma dimensão maior da identidade do Clube – entidade que fazia programações socioculturais, que participava de eventos do mundo das artes, era composta por pessoas com diversos postos importantes ou que foram sendo nomeados para eles, era criticado, mas também sabia tecer críticas com argumentos – e do prestígio que ele tinha na vida da cidade, O Jornal, por meio do Caderno Madrugada, apresenta uma dimensão bem mais próxima do público, já que a página semanal tinha o objetivo de instruir o leitor, mesmo que ele não se envolvesse em todas as programações evidenciadas nas ocorrências do Jornal do Commercio. Importante dizer, ainda, que ao longo da pesquisa surgiram a Revista Madrugada, produção de uma edição do Clube, e a página do suplemento Vida, mas que merecem um estudo à parte.

Assim, fica o questionamento do porquê o Clube da Madrugada não tem espaço no ambiente acadêmico fora da região Norte. Pelo que foi observado, talvez a polêmica de que eles não tenham sido os primeiros exemplos de modernistas no Amazonas (há pequenos fragmentos dizendo que

alguns autores antes dos clubistas teriam se inspirado nos modernistas) e os anos de hibernação sem publicar ou anunciar alguma coisa tenham feito com que ele perdesse a euforia de seu início e, por isso, não ter sido visto como algo contínuo e sólido para os estudiosos da Semana de 22 e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

Jornal do Commercio. Manaus, 1955-1979.

O Jornal. Manaus, 1961-1965.

Bibliografia:

CARVALHO, Berenice Corôa de. **O suplemento literário do Clube da Madrugada (1961-1970).** Orientador: Allison Leão. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <<http://tede.uea.edu.br/browse?type=program&authority=3594340536878774701&label=Letras+e+Artes>>. Acesso em: 11 de março de 2020.

HELENA, L. **Modernismo Brasileiro e Vanguarda.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

Revista Madrugada. Manaus, n.1, novembro de 1955.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje.** Petrópolis: Editora Vozes, 1973.